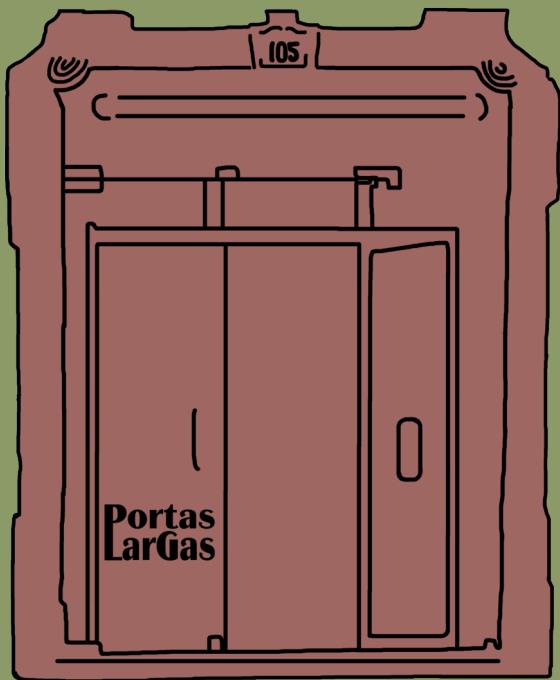
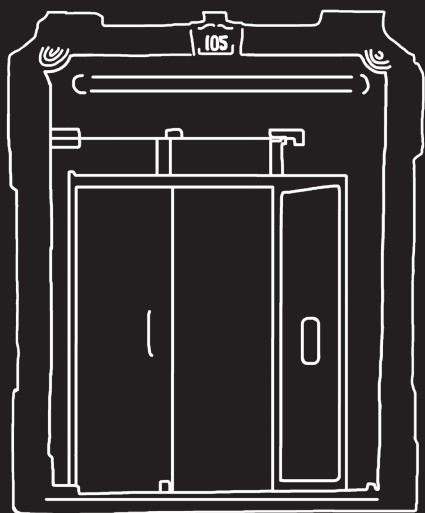


Crisley Santana

Liberto do Desejo

A história de um imigrante
brasileiro vivendo em Lisboa





Liberto do Desejo

Crisley Santana

Liberto do Desejo

A história de um imigrante
brasileiro vivendo em Lisboa



© 2023 by Crisley Santana

© EDITORA VÊNUS, 2023

Todos os direitos reservados

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, das editoras.

Preparação Brunna Carielo

Diagramação Editora Vênus

Capa Brunna Carielo

XXXX

Liberto do Desejo: A história de um imigrante brasileiro vivendo em Lisboa /
Crisley Santana. – 1. ed. – São Paulo: Editora Vênus, 2023.

128 p. ; 10 x 15 cm.

ISBN: XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Biografia. 2. Perfil biográfico. 3. Reportagem. 4. Não ficção.
I. Título

XXX: 000.00

EDITORA VÊNUS

facebook.com/editoravenus

instagram.com/editoravenus

São Paulo – SP

Dedico este livro a todas as crianças negras e periféricas do meu país, com a esperança de que possam sonhar e realizar seus sonhos, sem que a vida as obrigue a abrir mão dos seus maiores desejos.

Sumário

Prefácio	9
Introdução	19
Simple assim	23
Meu pesadelo	39
Minha meta	53

Um prédio de dez andares	61
Algo querendo Grittar	65
Facada final	73
Portas Largas	77
Agradecimentos	123

Prefácio

Nas paredes da estação Cidade Universitária, em Lisboa, é possível ler frases de pensadores famosos. Uma delas, por exemplo, escrita pelo filósofo Sócrates destaca: “Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo”. Dizeres apropriados para um país de migração como Portugal. O território recebe levadas e mais levadas de estrangeiros, ao mesmo passo em que observa parte da sua população buscando outros destinos. Jornais destacam que há cerca de dois milhões de portugueses vivendo fora do país, segundo dados divulgados pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 2020. O número de imigrantes que

chegam às terras lusas também não para de crescer. São 980 mil em 2023, segundo o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), órgão que controla as fronteiras portuguesas. 30% desse contingente é de brasileiros. Trata-se de um país de idas e vindas.

Eu desconhecia essa realidade até 2022, ano em que realizei intercâmbio acadêmico na Universidade Católica Portuguesa após conseguir uma bolsa do Programa de Mobilidade Internacional Santander – América Latina, Espanha e Portugal, oferecido por meio de uma parceria entre a Universidade de São Paulo e o banco Santander. Naquele ano, acompanhei com mais frequência as notícias sobre imigração. Me impressionava a quantidade crescente de brasileiros que chegavam e os que, despreparados, pediam ajuda para voltar. O Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração da OIM (Organização Internacional das Migrações), vinculada à ONU, é a principal fonte de recursos buscada por esses imigrantes desesperados.

Andando pelas ruas de Lisboa não era difícil reconhecer essa realidade. Grande parte dos comércios na cidade tinha cidadãos brasileiros como funcionários. A parada para tomar uma cerveja ou um café, geralmente, reservava um encontro certo com algum conterrâneo ansioso para compartilhar o que o tinha levado a tomar a decisão de viver no país do bacalhau. Os anos que o separava da família, as dificuldades de conseguir emitir a documentação necessária para tornar a residência legal, as situações inusitadas como resultado da interação pouco harmoniosa com os habitantes locais. Era curioso perceber brasileiros tornando-se numerosos no país.

A maior parte dos que conheci no período não estavam na universidade ou nos eventos que a rotina acadêmica exigia, mas nos bares da agitada vida noturna lisboeta. *Barmans*, seguranças e promotores de eventos animados responsáveis por chamar a clientela não em português, como era de se esperar, mas em

inglês. A justificativa seria o número alto de estrangeiros que vivem e que visitam o país todos os anos. Muito sociáveis, esses brasileiros relatavam orgulhosos as experiências que o trabalho proporcionava com gringos. Podiam conhecer mais de culturas alheias e ainda eram obrigados a desenvolver um segundo idioma, algo que as experiências laborais que tinham tido em seu país de origem não puderam oferecer-lhes.

Em Portugal também sentiam-se mais seguros e com mais perspectivas de futuro. Apesar de reclamarem das dificuldades para alugar (ou arrendar, como é dito em português europeu) um simples quarto nas localidades devido aos altos preços e baixo apreço dos portugueses com inquilinos brasileiros, não pareciam ter a confiança abalada. Era como se no território tivessem encontrado uma autoestima que não conheciam no Brasil.

Os que não estavam regularizados, mal podiam esperar pela ocasião. Estavam à espera de

viajar e assim ter no passaporte diversos países europeus carimbados. Outros pensavam que após conseguirem a legalização deveriam morar fora. Viam em Portugal uma porta para um mundo de possibilidades.

Eu me interessava pela vida daquelas pessoas. Admirava a coragem que tinham em imigrar, já que muitas chegavam sozinhas e sem perspectivas de trabalho. Me pareciam aventureiras, ao mesmo passo que alienadas. Não conheciam os problemas de Portugal, os gargalos na economia, ignoravam a xenofobia e pareciam estar atrás de um paraíso perdido, supostamente guardado na Europa.

Eu queria entender o que tinha as levado até ali e como se sentiam. Nessa busca conheci diversos tipos de situações. Nas mais curiosas delas, a viagem havia sido impulsionada por publicações em redes sociais. Pessoas que acompanhavam influenciadores brasileiros via Instagram, com exibição de uma vida supostamente mais fácil e mais feliz, com mais

fartura na mesa e mais oportunidades. Esses imigrantes, então, influenciados por tais demonstrações, vendiam os pertences, pediam a ajuda da família. Faziam o que era preciso. Eram pessoas com pouca instrução formal. Chegavam sem saber da necessidade em dominar um segundo idioma para ocupar as vagas, mesmo as que exigiam pouca qualificação laboral. Em outras situações, relatos de depressão após alguns meses vivendo como imigrante, já que tinham formado poucos laços. Mesmo assim, era preciso ficar para ajudar a família no Brasil com o que recebiam.

Em uma dessas histórias, eu queria representar um pouco do Brasil que vive em Portugal, e então encontrei Pablo. Diferente desses imigrantes, ele não chegou ao país com intenções de ficar. Era um turista passando um tempo fora do território como forma de estancar períodos difíceis que havia vivido. Mas assim como os outros brasileiros que conheci, era um batalhador que acabou reconhecendo

em Portugal oportunidades de colher resultados por seu empenho.

Me inspirei em sua trajetória de vida, cheia de altos e baixos, mas com muita esperança de dias melhores. Reconheci nela uma maneira de registrar um perfil por trás da imigração, resistindo em um local marcante da cidade de Lisboa, o bar Portas Largas, no qual ele trabalha. Trata-se de um retiro de brasileiros, especialmente aos fins de semana, comandado também por um brasileiro, que aliás guarda uma personalidade singular e é muito conhecido na Rua do Atalaia.

Além de brasileiros, o local recebe imigrantes de muitas nacionalidades, como cabo-verdianos e angolanos. É provável que eu nunca esqueça os momentos em que os vi dançando de maneira coreografada no centro do salão. Como em uma noite que tocava *Jerusalema*, de Master KG, e mulheres africanas rodopiavam juntas no mesmo tom. A música parecia um lembrete ao imigrante de que, no fim das contas, ele não estava em casa.

O bar tem, portanto, papel importante na construção da biografia de Pablo, já que por meio da observação dos seus dias trabalhando no estabelecimento em 2022 boa parte pôde ser feita. Fiz algumas entrevistas com ele e também conversei com algumas pessoas do seu convívio no Brasil. Elas confirmaram momentos marcantes da sua trajetória, que contribuíram para a decisão de viver em Portugal.

Durante a escrita, há palavras escritas em português europeu, como uma brincadeira que permeia a trajetória do perfilado, já que essas palavras passaram a fazer parte do seu vocabulário. No fim do livro, o leitor pode encontrar um glossário com os significados delas.

Em “Liberto do Desejo: A história de um imigrante brasileiro vivendo em Lisboa”, conheça o desfecho de acontecimentos e escolhas de um brasileiro vivendo em terras lusas.

Introdução

Em meio a neve, monumentos históricos e roupas estilosas, o jovem Pablo Rocha aparenta uma vida invejável em sua página de Instagram; fora das telas, o jovem brasileiro pode ser encontrado xingando estrangeiros atrás de um balcão de mármore preto. Ele é *barman* no bar Portas Largas, localizado no coração da boemia lisboeta, na capital de Portugal. Com ar assoberbado, passa o dia mirando os clientes que cruzam as portas de vidro e dançam no espaço.

Diz “*thank you*” ao receber notas de euros de uma cliente para em seguida esbravejar “cachorra, vagabunda!”.

Nem sempre foi assim. Há poucos anos, ele dançava alegre em cima do mesmo balcão: mexia os quadris e rebolava e remexia mais. Mas a pandemia chegou, o bar ficou fechado durante dois anos, e nesse meio tempo a vida de Pablo virou do avesso. Em festas clandestinas regadas a drogas, o garoto tentou depositar a energia juvenil que não podia mais gastar trabalhando no estabelecimento. Buscava se desfazer da depressão de uma vida que desde a infância lhe foi negada.

Nascido na Vila São Tomás, favela de Belo Horizonte, Minas Gerais, ele faz parte de uma família de seis crianças. Sob os cuidados da avó, a senhora fazia o garoto vender geladinhos pelas ruas da Pampulha. Um dia, uma forte chuva levou as sobremesas e Pablo retornou para a residência sem os doces e sem dinheiro. A avó deu-lhe uma grande surra e o garoto decidiu que fugiria de casa. Tinha cerca de quatorze anos de idade. Conviveu com pessoas em situação de rua até ser encontrado por

agentes do Conselho Tutelar. Obrigado a voltar para a casa da avó, foi mandado para a casa do seu pai, um homem que também não lhe queria por perto. Com a recusa, passa a viver na casa da sogra por alguns meses, até conseguir viver sozinho. Arruma trabalhos temporários e passa a frequentar a Igreja Universal, onde descobre ser comunicador. Trabalha em rádios pelas cidades de Minas e se aventura no mundo político.

Chegou à Rádio 93 FM, uma das mais prestigiadas do estado, até que alguns acontecimentos lhe arrancam as esperanças e a depressão obrigou o garoto a sair do país.

Simples assim

*My love has got no money
He's got his strong beliefs
My love has got no power
He's got his strong beliefs
My love has got no fame
He's got his strong beliefs
My love has got no money
He's got his strong beliefs*

*Want more and more
People just want more and more
Freedom and love
What he's looking for
Want more and more*

People just want more and more

Freedom and love

What he's looking for

Freed from desire, mind and senses purified

Freed from desire, mind and senses purified

Freed from desire, mind and senses purified

Freed from desire

Os azulejos pingam. Mãos e cabeças dançantes ocupam o centro do bar. O espelho, embaçado pela temperatura quente, está manchado. As mãos que o tocaram estão refletidas nele. Os olhares enlouquecidos pelo álcool e pelo desejo também estão refletidos.

— *Nã nã nã nã nã nã, nã nã nã nã nã* — ecoa *Freed from Desire*, música que ocupou rankings europeus de maiores sucessos em 1997.

Em 2022, a composição da artista italiana Gala Rizzato permanece tocando em bares pelo velho continente.

— Quando você ver que está meio caído, é só colocar essa. Eles adoram! — diz Pablo ao selecionar a canção em um aplicativo de música no telemóvel¹ que está conectado a um aparelho de som.

Esta noite não há *DJ*. A trilha sonora foi definida pelos algoritmos que já entenderam o gosto do usuário: pop! Especialmente os produzidos entre os anos 2000 e 2010, como *My Hips Don't Lie*, de Shakira; *Party in the USA*, de Miley Cyrus; *E.T.*, de Katy Perry; *Fireball*, de PitBull. Os clientes parecem gostar. Entram, pegam uma bebida e dançam. Quando muitos começam a sair, Pablo entra em ação.

Os robôs não entenderam que é preciso variar, mas o *barman* sabe. As mãos em cima do balcão, ansiosas para segurar um copo plástico, esperam enquanto ele cruza a bancada de mármore escura e abre espaço entre a pequena

1 “Celular” no português brasileiro.

multidão que se aglomera em frente ao tocador autônomo: tronco inclinado para o lado, uma das mãos à frente. Ultrapassa cabelos loiros esvoaçantes; ombros largos à mostra em regatas brancas.

A casa está cheia, ele precisa voltar ao posto, mas o som é essencial e não há DJ. Ainda assim, ele decide gastar alguns minutos mais analisando as composições. *Believe*, cantada pela estadunidense Cher é a escolhida para substituir *Freed From Desire*. Alguns minutos depois, Pablo retorna à bancada.

— *Next, please!*

Pablo nunca trabalhou como DJ e também não estudou música. A confiança ao intervir no serviço on-line para segurar a clientela está na experiência de meia década que acumula desde que chegou ao bar.

É na Rua do Atalaia, localizada no boêmio Bairro Alto, em Lisboa, que ele tem passado boa parte do tempo desde que chegou em Portugal. Quando um turista cruza as portas de

vidro e o encontra misturando gelo, suco de limão e cachaça, pode não imaginar que a tradicional caipirinha brasileira está sendo servida por um farsante.

Schiphol, aeroporto de Amsterdã, fim de 2018. Pouco conhecimento da língua inglesa — da holandesa nem se fala — mas muita, muita vontade de viver algo que pudesse arrancar-lhe da depressão que há muito sentia. Foi estranho estar em um ambiente novo, confiante como sempre foi, sem entender o que as pessoas ao redor diziam. O inglês fez parte dos seus estudos, mas o ensino formal deu-lhe habilidades básicas de escrita e leitura. Falar é outra história. Ele descobriu ao passar algumas horas sem conseguir se comunicar.

— “Cara, eu tô fodido aqui! Eu vou...” — pensava, desesperadamente. Na esperança de encontrar alguém capaz de ajudar-lhe continuou passando os olhos ao redor do espaço. Viu uma garota falando alto no telefone. Era brasileira!

— “Cara, é ela que vai me ajudar!” — vibrou sentindo-se aliviado. Foi então conversar com a moça. Camila. Assim como Pablo, tinha Portugal como destino, embora não soubesse exatamente em qual ponto do país iria se hospedar. Ficaram conversando. Pablo precisava ir até uma farmácia. Desde que conheceu a depressão, a dermatite atópica fez-se presente como uma resposta imunológica que sua pele negra preferia esconder. Preenchido de vazio, passou a usar muitos cremes para cuidar da pele lesionada e com coceiras. Ao embarcar não pôde empacotar os medicamentos junto ao resto dos pertences que o manteriam durante seis meses fora do Brasil, então assim que chegou ao aeroporto buscou ajuda para ir até à farmácia. Camila disponibilizou-se.

Da escala, decidiram seguir juntos para Portugal. Envolveram-se. Alugaram um quarto em um hostel no bairro Anjos, destino multicultural de muitos imigrantes. Camila sabia que estava em Portugal para ficar. Pablo buscava um refúgio temporário. Muito havia acontecido até chegar onde chegou. Até aquele momento. Precisava respirar. Somente em um espaço fora do seu país de origem parecia oferecer esperança para recobrar o fôlego.

Logo que chegaram, Camila decidiu buscar um emprego e convidou Pablo para um passeio pelas vagas ofertadas. Ele decidiu acompanhá-la. Para ele, uma visita despreziosa aos bares da cidade. Queria tomar canecas, como dizem os lisboetas quando se referem a beber cerveja. Não estava preocupado com renda. Os reais convertidos do Brasil eram suficientes para mantê-lo.

Os dois transitaram pelos desenhos que decoram as calçadas em pedras de calcário, desenhos talhados manualmente, tornados

Patrimônio Cultural Imaterial do país em 2021. Camila entregou diversos currículos aos estabelecimentos naquela noite, especialmente a bares pelo Bairro Alto, onde há concentração dos serviços noturnos e também restaurantes.

Já satisfeita, a moça queria descansar, quando um outro local chamou a atenção de Pablo.

“Precisa-se de empregado”

Uma placa de papel, colada com fita transparente em uma porta de vidro, convidava novos membros à equipe de um atraente bar.

— Ah, não. Acho que já tá bom. Já entreguei muitos. Acho que não vão chamar — respondeu uma já desanimada Camila.

— Não! Vamos lá! Vamos lá!

Na entrada, uma placa envidraçada anunciava haver *Music Live Today*. Preços de bebidas também estavam descritos.

Moranguito - € 1,50

Valha-me Deus - € 1,50

Abandonada - € 1,50

O garoto resolveu entrar, apesar da negação da companheira. Entusiasmado para saber sobre a vaga, deu de cara com Silvana, uma senhora baixinha de cabelos enrolados.

— Olha, se você quiser trabalhar, você volta amanhã.

— Nossa! Obrigado pela oportunidade. Acho que vai ser bom para mim! — respondeu o jovem, “já meio mamadinho”, como ele mesmo descreveu. O emprego não era para ele. Mas de repente... Por que não? Ele viu ali uma oportunidade.

Ao sair do bar, Pablo viu um homem encostado na parede de entrada. Jovem. Alto. Pele preta e tatuada. Músculos à mostra nas roupas coladas ao corpo. O semblante sério encarou Pablo.

— Você não quer ganhar dez euros para cortar uns “limão” ali para mim?

— Ah, eu quero!

Pablo retornou no mesmo instante. Silvana questionou, mas animado, o rapaz não deu importância.

— Ele que me chamou! — disse apontando para o homem que acabara de conhecer.

Luvas de látex em punho. Uma caixa de limas estava à espera. É como chamam os pequenos frutos que no Brasil são conhecidos por Limão Tati.

Fruto inteiro, parta-o ao meio. Parta os meios em outros dois. Corte-os horizontalmente, formando triângulos. Jogue-os no pote de vidro. Permaneça cortando e enchendo. Pare quando o pote estiver quase cheio. Em seguida, amasse os limões. Amasse com força até tirar todo o suco da fruta. Jogue açúcar por cima. Amasse os limões novamente para misturá-los com o açúcar e encha o pote de água. Reserve. Corte mais. A casa está cheia e ficará ainda mais. Clientes chegando de todas as partes do mundo para provar os drinks servidos ali. Permaneça cortando. A noite inteira, se for preciso.

Mas e a Camila? “Foi esquecida no churrasco?”, como o meme que repercute desde

2019 nas redes sociais? Não. Camila voltou para o hostel. Pablo também voltou. Tempos depois, ela conheceu um rapaz. Partiu. Há tempos Pablo não a vê. Camila tornou-se uma pessoa-porta de-entrada para ele conhecer o bar em que trabalha desde então. Destino?

— Gente... Do nada!

— Simples assim! Então, como eu disse: eu sou uma pessoa muito dedicada e eles viram isso em mim! Começaram a me dar oportunidade de fazer coisas para o bar. Fui ganhando oportunidade de poder apresentar mais trabalho e me dedicava muito. Sempre fui muito... Porque como eu disse, eu não tinha nada a perder! Nunca fiz corpo mole para trabalho. Sempre fui uma pessoa trabalhadora e para to-

das as pessoas da minha família, eu tenho essa consciência. Todos me conhecem e me reconhecem como uma pessoa muito trabalhadora! Desde criança!

5 de outubro de 2022. Naquela tarde eu entrevistei Pablo Dias Rocha em uma unidade da cafeteria Starbucks na Rua 1º de Dezembro, número 117, Lisboa, Portugal. Escolha dele. O garoto vestia uma camiseta bege com o símbolo da banda Nirvana. Bermuda de cor cinza, boné verde com aba para trás. Os dentes super brancos e alinhados, em um sorriso frequente no rosto, pareciam lembretes do apreço e zelo que nutre pela própria imagem. Zero manchas na pele do rosto e uma barba desenhada com cuidado. O corpo esbelto, com braços e peitoral musculosos, contrastava com o par de brincos e colar prateados delicados. Exalava estilo e confiança joviais. Tudo sob controle, como se nada pudesse detê-lo.

Ele chegou acompanhado de Warley Porto, seu namorado, e seu cunhado. Os três minei-

ros. Pablo parecia um pouco ansioso, mas estava animado, como era comum vê-lo.

Pedimos os quatro. Cafés caramelizados; com *chantilly*; sorvete; cores diferentes. Gosto para tudo. Sentamos. O local estava cheio. Ao começar a conversa, Pablo não se mostrou muito à vontade. Sentia-se um fio de tensão cortando o ar.

— Como era sua infância?

— Então, muitas histórias, né? Eu sou o terceiro de seis filhos... — Warley interrompe

— Vocês querem que a gente dê uma voltinha?

— Se vocês quiserem... Se vocês querem ficar aqui, fica à vontade — rebate Pablo.

— Não, é para ele ficar mais à vontade — diz Warley me encarando. — Ele não vai querer contar... — cochicha algo para Pablo.

— Eu já contei tantas vezes isso...

— A gente vai lá ir vendo...

— Boa! Vai lá! Vai lá! Mas não vai muito longe porque quando a gente sair daqui a gente vai dar uma volta especial! A gente vai levar você no Miradouro² da Graça! — diz Pablo, mirando o irmão de Warley, com ar de mandão.

— *Oui, oui!*

Os dois saem.

Pablo volta para mim: — Bom... Você quer que eu conte a história toda? A história toda é muito longa, deve ser até chato.

— Eu quero!

2 “Mirante” no português brasileiro.

Meu pesadelo

Vila São Tomás, “Córrego Pampulha, que deságua no Ribeirão do Onça, ao Leste da Represa e ao Norte do Aeroporto da Pampulha”, descreve o *site* favelaeissoai.com.br³. Não há indicação sobre o nome do redator. A informação, sem data, indica que há quase oito mil pessoas vivendo no local. Uma das imagens no rodapé do site informa “Governo Federal - País pobre, é um país sem pobreza”. O projeto fora construído durante o Governo Dilma.

3 *Favela É Isso Aí* é uma ONG (Organização Não Governamental) que divulga iniciativas culturais e artísticas realizadas em diferentes favelas do Brasil, além de reunir informações e dados sobre as comunidades. Foi publicado em agosto de 2004.

As primeiras lembranças de Pablo foram formadas nesta favela. Em um lote de propriedade dos avós, havia diferentes casas que eram compartilhadas pelos membros da família. Em uma dessas residências, ele vivia com a mãe, o pai e com os irmãos. Seis crianças ao todo.

Era uma vida precária. Frequentemente as crianças saíam para pedir esmola pelas ruas, pois passavam muito tempo sozinhas e a falta de comida os assombravam.

Tinha cerca de seis ou sete anos de idade quando a mãe foi dada como desaparecida. — Ela simplesmente acordou de manhã, foi trabalhar e não voltou. Ninguém sabia o que tinha acontecido — disse. Nesse período, os seis ficaram sob responsabilidade do pai.

O desaparecimento durou cerca de quatro anos. — Ela voltou grávida do meu padrasto, que até hoje é o cara que vive com ela. Ela veio se explicar falando que sofria muito com meu pai, que meu pai traía ela e

toda aquela cena. Era uma desculpa por ter abandonado os filhos, só que ninguém nunca perdoou aquilo.

Com a volta, Rosângela decidiu levar os filhos para viver com ela e o marido. O destino era a cidade de Ouro Branco, cerca de cem quilômetros de Belo Horizonte, segundo o Google Maps. A vida no novo lar era tão dura quanto em São Tomás.

— A gente vivia muito precariamente. Era cada um por si. A gente saía para catar ferro velho, latinha, papelão, fazer carreto na feira, que é carregar as sacolas das velhinhas para elas darem um real, cinquenta centavos. A gente vivia na rua pedindo retalhos de carne no açogue. Embora fosse cada um por si, todo mundo se unia para não passar fome. O que a gente conseguia, levava para casa.

As crianças não eram só desassistidas, mas também maltratadas. Pablo relata crueldades cometidas por seu padrasto no período em que viveram juntos.

— Ele era um homem muito cruel, batia muito na gente. Espancava meu irmão mais novo. Quando meu irmão fazia xixi na cama, ele esfregava a cara dele no colchão, batia nele e colocava ele de madrugada no frio, do lado de fora de casa.

A mãe costumava ficar do lado do padrasto quando um dos irmãos relatava as agressões. Não havia relação de proximidade entre mãe e filhos.

— A minha mãe nunca teve relação com a gente. Ela nunca foi nossa amiga. Eu mesmo sempre me senti um estranho na casa dela porque ela nunca nos deu carinho ou nos colocou no colo e essas coisas. Eu não me lembro dessa mãe. Lembro que meu maior desejo era que alguém me adotasse porque lá era um inferno. Eu era doido para alguém me adotar.

A irmã de Pablo, Paloma de Jesus Rocha Ramos, confirma os relatos. Conversei com ela por chamada de vídeo em 24 de setembro de

2023. Apesar de um dia ensolarado de muito calor, Paloma exibia soltos seus cachos acastanhados. Casada e com três filhos, ela também sentiu na pele o desamor na infância. Afirma que a convivência com a mãe e o padrasto era muito ruim. Conta que além do afastamento das crianças, Rosângela e o marido priorizavam o filho que tinham tido juntos.

— Às vezes eles saíam juntos para comer, levavam o filho deles, e a gente ficava em casa sem nada — diz.

Após alguns anos, Rosângela mandou três dos filhos para a casa do pai, na cidade de Paraopeba. Pablo e as irmãs, Stefany e Paloma, continuaram em Ouro Branco com ela, até mudarem-se para Santa Luzia.

A precariedade era a mesma e o garoto permanecia saindo de casa para conseguir alguma comida pelas ruas. Em uma dessas andanças, conheceu Zé Luís, dono de um sacolão.

— Eu ficava pedindo fruta e verdura para ele, até que ele falou comigo: “olha você quer ganhar

R\$5 para lavar minha calçada? Você fica aqui, limpa as frutas e no final da noite te dou um saco de verduras para você levar para sua casa”. E aí eu comecei a ir lá todo dia. Eu saía da escola e ia pro sacolão dele. Passava o dia lá. Limpava a calçada, limpava as frutas, e também ganhava almoço.

Paloma lembra do período com carinho e elogia o irmão pelo esforço.

— Sempre foi um menino muito trabalhador. Ele começou a trabalhar nesse sacolão muito novo. Levava as verduras para nossa casa e também levava a gente para tomar sorvete com o dinheiro que ele ganhava. Ele fazia de tudo para animar a gente.

Parte do salário também foi destinado à compra de sementes. Pablo queria começar uma pequena horta em frente à casa. Alface, almeirão e cebolinha faziam parte da plantação, mas o negócio não pôde prosperar.

— Eu sei que você quer ajudar, mas isso está incomodando seu padrasto. Ele é o homem da casa e você está fazendo a função dele trazendo

as coisas. Gaste seu dinheiro só com você. — foi o que Pablo ouviu da mãe, que também destacou o pouco apreço que o padrasto tinha pelo menino. Naquele momento, ele decidiu partir.

— Comecei a guardar um dinheirinho para pagar passagem para ir para casa da minha avó porque eu achava que seria uma boa ideia. Avisei minha mãe e arrumei minhas coisas. Botei as roupas numa mochilinha e num saco de mercado e entrei no ônibus.

Pablo viajou de volta para a favela em São Tomás, onde a avó vivia. — Era um barracão em quintal de terra batida. Minha vó criava galinha, porco. Ficava tudo os bichos solto pelo quintal, no meio de várias árvores. Tinha pé de Manga, pé de goiaba, pé de romã, abacate. Era tudo pra mim! Eu adorava aquilo! Eu estava livre e achava que ia ser feliz ali.

A senhora já cuidava de outras crianças quando Pablo chegou. Embora ele não lembre ao certo a quantidade, acredita que entre sete e nove pequenos viviam com dona Maria. Ele re-

latou a ela a difícil convivência que enfrentava com a mãe e o padrasto e que por isso tomou a decisão de voltar para São Tomás. A senhora aceitou de bom grado.

— Ela falou assim: “pode vir morar com a vó porque o coração da vó é grande, sempre cabe mais um”. Eu abracei ela, chorei. Então entrei e ela colocou uma caminha pra mim.

O tempo na favela passou a ser dividido entre as brincadeiras com os primos e a venda de geladinhos pelas ruas da Pampulha, onde observava os transeuntes e imaginava um futuro diferente.

— Eu via as pessoas bem vestidas, via os carros, moleques de *bike*, *skate*. Pensava: “pô, eu quero isso para mim. Quero me vestir assim”. Eu ia nos *shoppings* e ficava olhando.

O desejo de ter uma vida diferente frente às possibilidades que lhe tinham sido oferecidas crescia. Passou a usar os trocados que ganhava para comprar roupas e cuidar da aparência. O zelo rendeu-lhe um apelido da avó: “cavalo metido a bom de sela”.

— A gente era muito pobre, mas não pobre de ter dinheiro vez ou outra. Não! A gente vivia de doação de igreja, então passei a não aceitar aquela condição. Todo dinheiro que eu ganhava, eu me dava um pouco de conforto.

Os geladinhos que Pablo vendia eram produzidos pela avó, que ficava com a maior parte dos lucros pelas vendas. Era importante que ele vendesse toda a mercadoria antes de voltar para casa. Em um desses dias, no entanto, não conseguiu vender os doces e ainda perdeu todos eles após uma forte chuva alcançá-lo. Sem ter como se abrigar, ele usou a tampa da caixa na qual guardava as sobremesas para tentar fugir da chuva. Com o acúmulo de água na caixa destampada, toda a produção se perdeu, e o menino retornou de mãos abanando.

— Quando eu cheguei em casa achei que a preocupação da minha vó seria com a chuva que eu peguei, mas não. Ela me espancou porque os geladinhos derreteram e eu perdi o dinheiro dela. Eu nunca vou esquecer.

Para além da surra por ter perdido os doces, a avó passou a humilhá-lo, lembrando constantemente que ele morava com ela porque a mãe não quis cuidar dele. Foi a gota d'água para Pablo decidir sair de casa. De novo. Sem endereço fixo dessa vez.

— Como eu saía muito, eu conhecia muitas pessoas que viviam na rua. Tinha um posto de gasolina, chamado Texaco, que ficava no bairro Planalto. Tinha uma galera lá que morava na rua e eu fiquei com elas. — O garoto relata ter se sentido acolhido.

— Às vezes se têm uma impressão dos moradores de rua como bêbados, loucos, mas não. Tinha muita gente lá que realmente estava numa situação de não ter moradia, de estar ali desassistido pelo Estado. Eles não me aconselharam a ir para rua, mas quando eu saí da casa da minha avó, eles me abraçaram. Falaram: “aqui a gente vai te proteger, vai cuidar de você”.

Para se alimentar, Pablo pedia sobras de comida em um restaurante próximo ao posto

de gasolina. Fazia cerca de duas semanas que morava na rua quando foi surpreendido.

— O pessoal do restaurante montou uma arapuca para mim. Eles colocaram a comida e me colocaram de costas pra rua. Sentaram e começaram a conversar comigo. “Você tem que voltar a estudar. Você não pode ficar na rua”. Até que sentou uma senhora com uma pasta do Conselho Tutelar: “a gente está aqui para te ajudar. Fique tranquilo. Queremos saber de onde você é para buscar sua avó. Você não pode ficar na rua”. E me levou para um abrigo.

O garoto lembra de ter passado alguns dias no local até que sua avó chegou para buscá-lo. Ela não trocou nenhuma palavra com ele. Apenas o levou para casa. Chegando lá, ligou para o pai de Pablo, José. Disse que ele precisava buscar o garoto, pois estava dando muito trabalho e ela já não podia ficar com ele.

— Dias depois meu pai apareceu lá com um Chevette para me levar embora. Ele não tinha boas condições financeiras. Tinha aca-

bado de assumir um relacionamento com uma menina muito mais nova que ele e os dois adotaram uma criança, além de três irmãs meus que viviam com ele. A casa não tinha parede. Era dividida por cortinas. Não era um lar de amor e ninguém nunca se preocupou comigo. Me pegaram porque não queriam ser processados ou presos pela Justiça por abandono de incapaz.

Pablo passou cerca de duas semanas com o pai para logo em seguida ir viver com a sogra de José, a mando dele, em Curvelo, outra cidade mineira. Lá passou alguns meses. Trabalhou como servente de pedreiro e juntou dinheiro para alugar uma quitinete em Paraopeba.

A andança de cidade em cidade, fugindo da fome e do abandono, traumatizou o menino. Pablo se assombra quando lembra do período, mesmo passados muitos anos.

— Os meus pesadelos hoje em dia são eu estar indo para o Brasil e ficar preso lá.

— Você sonha com isso? — pergunto.

— Juro! Os meus pesadelos são: eu fui para o Brasil e roubam minha passagem, cancelam meu passaporte ou me proíbem de entrar em Portugal. O Brasil é o meu pesadelo.

Minha meta

Quando foi viver sozinho em Paraopeba tinha cerca de quinze anos de idade. Para se sustentar, fazia bicos em lava-jato, supermercado, pizzaria. No mesmo período passou a frequentar a Igreja Universal com assiduidade.

— Fui ficando mais velho e crescendo dentro da igreja. Lá eu descobri uma paixão muito grande pelas coisas de Deus. Eu me apaixonei porque diante de tanta desgraça, a única coisa que me deu conforto era a palavra de Deus, pois me prometia paz, o reino de Deus. Diziam que Deus me amava, que eu era especial. Ali me senti cuidado pela primeira vez, então me apaixonei, me entreguei.

Passou a convidar outros jovens para frequentar o templo com ele. Seu desejo era tornar-se pastor. A personalidade falante e divertida despertava a atenção dos fiéis.

— Não levavam muito a sério esse negócio de eu virar pastor, mas foi lá que descobriram minha vocação.

Pablo se refere a dona Ivone, uma senhora que ajudava com a preparação dos cultos religiosos. Observando a desenvoltura do menino para comunicar-se, sugeriu-lhe um trabalho que mudaria tudo.

— “Por que você não vai até a Rádio do João Malaquias? Você leva jeito para locutor”. E eu fiquei pensando “será? Eu não tenho formação nenhuma, ainda estou terminando o ensino médio”.

Mesmo desacreditado, Pablo decidiu fazer um teste. A rádio era a Voz da Liberdade, 87.9 FM, uma rádio comunitária da cidade de Paraopeba. Para impressionar o dono da rádio, ele imitou o que ouvia de locutores experientes.

— Ele adorou! Já passei no primeiro teste e comecei a trabalhar montando a programação, colocando música. Ele custou a deixar eu entrar no ar, então comecei a treinar dicção. Ele me ajudou com leitura e interpretação. Era uma pessoa muito boa.

Para além da rádio, o homem apresentou o mundo político a Pablo. O ano era 2016 e João Malaquias era candidato a prefeito pelo Partido Solidariedade. Pablo se candidatou a vereador naquele mesmo ano pelo Partido Humanista da Solidariedade. Recebeu sessenta votos. O partido não existe mais. Foi incorporado ao Podemos em 2019. Pablo não seguiu com a carreira política.

Na rádio, conseguiu ocupar a posição de locutor com algum tempo trabalhando na programação. Depois de alguns meses com o programa no ar, foi convidado a trabalhar na maior emissora de rádio de Paraopeba.

— Era a Rádio Cidade FM, 96.1. Estavam precisando de alguém jovem e eu já tinha al-

guma experiência. A partir daquele momento eu me apaixonei por rádio. Passou a ser minha meta de vida. “Cara... Eu quero ser comunicador! É isso que eu quero fazer. Eu vou ser locutor!”. A rádio tinha um grande alcance e eu fui ganhando espaço. Decidi que junto com a locução eu ia fazer comédia. Estava começando a estourar o show de *stand up comedy* e eu acompanhava muito no YouTube.

O público que o acompanhava nas rádios, era o mesmo dos bares onde ele apresentava shows de comédia. Além de imitações, fazia piadas falando sobre a cidade de Paraopeba e o imenso calor que faz na região. Brincava com as desventuras enfrentadas na infância, a pobreza e o carro do pai, um Chevette.

— Eu queria fazer algo que chamasse atenção, me encontrar ali naquele trabalho porque quando a gente é pobre, preto no Brasil, favelado, desde sempre escuta muitas coisas que depreciam, que limitam e eu queria sair daquela bolha.

Com a popularidade crescendo nos shows e rádios, passou a receber convites para participação em eventos e programas de televisão. Um deles, o programa *Flash Minas*, no qual se apresentou em junho de 2017. A revista televisiva relaciona assuntos sobre turismo nacional e internacional, moda, culinária e outros temas culturais nas manhãs de sábado da emissora TV Alterosa, afiliada do SBT.

Os contatos que fez na emissora levaram suas imitações para o quadro “Dez ou Mil” do *Programa do Ratinho*, no qual calouros apresentam suas habilidades, como canto e dança, e se forem bem avaliados podem levar prêmios em dinheiro.

— Cheguei na rodoviária do Tietê e estavam me esperando lá com uma plaquinha com o meu nome. Fiquei pensando “que vida louca”. De repente eu estava em um hotel, em São Paulo, para me apresentar para todo o Brasil depois de tudo o que eu passei. Quando eu cheguei no SBT passou um filme na minha cabeça. Era uma loucura estar ali.

Durante a visita, Pablo pôde conhecer um dos seus grandes ídolos: Celso Portioli.

— Fiquei no estacionamento esperando por ele. Quando ele apareceu eu dei um abraço nele. Falei que ia participar do programa do Ratinho, que eu admirava ele e sabia que ele tinha sido locutor. Ele foi supersimpático comigo, me deu a maior força.

Na hora da apresentação, tudo parecia mágica. Os participantes daquela noite ficavam esperando na parte traseira do palco até que fossem chamados. Quando Pablo ouviu seu nome, entrou correndo no estúdio. Ele se lembra das luzes invadindo sua visão, misturada à fumaça e aos aplausos do público.

— Você não tem noção, amiga. O Ratinho do meu lado me entrevistando, os jurados... Estava o Arnaldo Saccomani, o Pedro Manso e aquela que faz a personagem Nina do *A Praça é Nossa*, a Marlei Cevada. Lembro do Ratinho falando: “você é locutor, você veio de Paraopeba”. Foi uma loucura! Fiz algumas imitações, como

do pastor Valdomiro. Não ganhei, mas foi uma experiência incrível.

Vê-se que o *barman* do Portas Largas guarda grandes talentos: é humorista, locutor e quase ocupou um cargo político. É esta a farsa a que me refiro em “Simples assim”. Poucos imaginam tal trajetória por trás de copos plásticos com cerveja ou caipirinha.

Agora de volta a Minas, o garoto continuou seus trabalhos nas rádios. Além de *A Voz da Liberdade e Rádio Cidade*, trabalhou em outras emissoras, como a Musirama FM, 92.1, em Sete Lagoas. A vida seguia bem. Bem demais para ser verdade.

Um prédio de dez andares

Pablo se esforçava para deixar para trás os traumas vividos na infância. A comunicação tornou a vida dele cheia de possibilidades e ele desfrutava de cada uma delas. Fazia alguns anos que não se comunicava com a família quando soube que o destino só parecia ter sido diferente para ele.

— Todos os meus irmãos tiveram sérios problemas de depressão. Eu consegui fugir disso porque o rádio e a igreja, principalmente, me ajudaram a sair desse momento triste e escuro da minha vida. A igreja me ajudou muito e a rádio me deu um empurrão, uma oportunidade de... Sabe? “Sai dessa e vai viver sua vida!

Seja feliz!”. Então quando eu recebi a notícia do suicídio da minha irmã, cara... Parece que eu voltei para um lugar... Caí de um prédio de dez andares.

Sabrina tinha cerca de 22 anos quando aconteceu. Diferente do irmão, ela não pôde acreditar que a vida poderia ser diferente do que havia sido até então.

— Minha irmã morreu e nem experimentou nada do que eu experimentei. Ela não esteve nos hotéis que eu estive. Não comeu da comida que eu comi. Não dormiu na cama que eu tenho dormido.

Sabrina dividiu a dura rotina com Pablo quando os irmãos viviam com a mãe e o padrasto. Suportaram juntos os momentos mais difíceis de convivência. Pablo acreditava que haveria também para ela uma saída para as desventuras. Mas não houve.

Ele parou de produzir seus shows de comédia naquela época. Já não sentia inspiração para escrever humor. Emagreceu e também en-

trou em depressão. Continuava com trabalho de locutor em rádios, embora sem tanto vigor.

— Foi um baque para todo mundo, mas acho que para ele foi um pouco pior. Eu não tinha tanto contato com ela. Só a via de vez em quando. Mas foi terrível. Eu também fiquei com depressão e ele me ajudou. Sempre me ligava para saber como eu estava. — relatou Paloma, irmã de Pablo, lembrando do apoio que o irmão ofereceu naquele momento de dor. A partida de Sabrina, eles pensavam, era a consequência mais severa do abandono que sofreram.

Mas a vida precisava seguir. A única coisa que obrigava Pablo a sair de casa naqueles tempos de luto era a meta de ser um grande comunicador. A rádio ainda era seu refúgio. Algum tempo depois, o humor também voltou a ser.

Algo querendo Grittar

Peruca Preta, vestido estampado floral e óculos azuis espelhados. Uma figura caricata de voz afinada aparece na *live* transmitida pela Rádio 93 FM, atualmente 93.5 - Rádio Show, em 14 de junho de 2018. Enquanto músicas são transmitidas, a personagem se mantém em frente a câmera interagindo com um público que ela não pode ver.

— Gente, é que meu cabelo é natural. É de verdade! Vocês me preferem loira ou morena? — questiona aos ouvintes que podem vê-la do outro lado de telas retangulares. Enquanto os jornalistas Raissa Yelena e Miltinho Santiago se concentram em seus dispositivos, a perso-

nagem continua falando, ora sobre a música que toca, ora sobre outro assunto qualquer.

“Kkkk fala mais que pobre na chuva kkkk abraços Pablo Grittar” — diz um *pop-up* que surge na tela da transmissão, enviado por um ouvinte e reproduzido oralmente por Miltoninho.

— Graças a Deus, bebê! Pra quem tem que render, né? Se não, se não render, vem uma vez na semana, fala pouco... —, responde a figura em tom de humor, sem conseguir disfarçar por completo, todavia, a necessidade e o grande desejo de se manter na rádio.

— Esse personagem funcionou durante muito tempo. E aconteceu num espaço de tempo muito curto. A minha vida mudou muito! Eu melhorei a qualidade de vida. Eu mudei de cidade. Fui morar em Belo Horizonte depois que eu comecei a trabalhar na Rádio 93 FM. Foi assim. Muita gente legal! Muita gente profissional!

Pablo recorda com carinho da personagem que começou a apresentar em meados

de 2018, pouco tempo antes de Portugal; pouco tempo depois de fazer parte da equipe da nova emissora.

— Eu era jornalista. Na época, eu não estava com rede social ainda, só era jornalista mesmo, e ele chegou para fazer a locução. Eu tive um contato muito próximo com ele porque eu sempre ficava na rádio para ajudar as pessoas falando inglês e tudo —, relatou Raissa Yelena, com quem conversei por chamada virtual na tarde do dia 5 de abril de 2023. Ela usava brincos, óculos redondos e camiseta alaranjada. Um fone branco nas orelhas enquanto, com voz sorridente, respondia às minhas perguntas. Simpatia mineira.

Ao lado dela, estava Marcos Silva, seu marido e colega de trabalho. Os dois trabalham no *Portal Teófilo Otoni*, no qual publicam notícias sobre a pequena cidade.

Os dois trabalharam com Pablo, de quem se tornaram colegas próximos. Eles não se lembram exatamente como o garoto chegou

até a emissora onde se conheceram. Pablo diz ter sido convidado por Kleber Souza, também locutor. Marcos Silva era o coordenador da empresa na época.

— É a elite do rádio em Belo Horizonte! Todo mundo já passou por ali! E lá eu tive a oportunidade de conhecer muita gente bacana como a Kayete, que é uma grande apresentadora, locutora da Rádio BH FM, afiliada da Globo, que me ajudou muito com o teatro! É muita história, negona... — emocionado e com nervosismo, Pablo conta sobre a trajetória que trilhava na comunicação.

Raissa e Marcos foram citados por ele numa lista que fez questão de ressaltar, ainda que com medo de esquecer alguém importante. É possível sentir o mesmo carinho que demonstrou pelos dois na entrevista que fiz com eles via Google Meet. Carinho e admiração recíprocos.

— Ele era muito guerreiro. Não tinha tempo ruim. Ele ia sempre nos desafios, não ti-

nha medo. Era muito humilde para aprender — diz Raíssa.

A maior dificuldade de Pablo estava na língua inglesa. Mesmo assim, o garoto insistia. Estava sempre aberto, pau para toda obra, segundo os jornalistas. Criava personagens e era criativo. A personagem de maior sucesso foi Pablo Grittar, criada na esteira do sucesso da artista drag queen Pabllo Vittar, já com amplo alcance no país naquele ano. Grittar ganhava vida no quadro *Combo FM*, uma mescla de humor e música reproduzido às quintas-feiras na 93 FM.

A função da personagem era conversar e dar opiniões sobre assuntos cotidianos. Tinha que ser engraçada e criativa. Tudo para os ouvintes sintonizarem e ficarem ligados na programação.

— A Pablo Grittar foi sugerida porque ele era muito bom de imitação. Tinha aquela coisa do gritinho e tinha dentro da rádio a possibilidade de ter os personagens que você cria para

ajudar na audiência, no público que está te ouvindo — comenta Raíssa.

Apesar do sucesso, Raíssa relata a pressão para que a personagem saísse do ar. — O Marcos muitas vezes bancou isso como coordenador, dizendo [à direção]: “não. Vamos manter. O público gosta. Temos que deixar o que está dando certo”.

Pablo Grittar, então, disse ao povo que ficava. Se manteve como parte fixa da grade até o dia em que seu intérprete decidiu encerrá-la.

— “Marquinhos, é o seguinte: eu não estou gostando de fazer a Pablo porque eu não sou *gay*! Isso não é de mim! Eu me sinto desconfortável”. Eu não queria fazer porque eu não queria parecer... Mas dentro de mim tinha algo querendo gritar.

A comunicação com humor, Pablo descobriu, mais que profissão era uma maneira de lidar com as próprias questões. Ele não queria encarar sua homossexualidade, então fazia piadas sobre o assunto.

— Eu nunca tive contato com uma pessoa *gay* no Brasil. Nunca tive um amigo *gay*. “*Gays*” para mim era uma coisa distante. Alguém do bairro que você via como ‘a bicha louca’. Eu pensava: ‘cara, eu não sou *gay* porque eu quero não vestir roupa de mulher. Eu não quero pintar a unha. Eu só acho os caras bonitos, mas eu acho que os caras bonitos também acham, mas eles não falam porque não precisa. Porque eu sou hétero’. Eu me enganava. Eu inventava histórias para eu não me assumir porque para mim era muito difícil. A minha vida já era muito fodida. Eu não queria ser mais odiado. Ninguém quer ser homossexual. A gente é o que é. Ninguém quer sair na rua e ser apedrejado, ser esculachado, ser xingado.

Com menos participação no humor, Pablo seguiu fazendo as locuções. Sua vida havia dado um grande salto em poucos anos e ele vivia momentos que jamais imaginou. O que ele também não imaginava era que o destino iria levá-lo de novo a dias de angústia.

Facada final

— A facada final para me deixar muito mal e decidir sair do Brasil, foi quando a minha segunda irmã cometeu suicídio.

Stefany. Embora Pablo nomeie o episódio como suicídio, a partida dela, na verdade, tem relação com complicações que aconteceram quando ela deu à luz um menino.

— Eu considero um suicídio porque a Stefany tinha problema do coração. Ela não poderia ter filhos e os médicos falaram que ela não poderia porque o coração não iria aguentar. Mesmo assim ela teve.

Os médicos chegaram a aconselhá-la a não seguir em frente com a gestação porque os ris-

cos eram muito grandes, mas Stefany acreditava que por meio da fé pudesse ser salva.

— Ela era evangélica cega porque não queria enxergar... Ela dizia “Deus vai ajudar”, e o povo ficou orando, jejuando, fazendo campanha na igreja. Mas infelizmente foi dito e feito. No dia que o neném nasceu, ela morreu. O coração não aguentou.

Pablo não conheceu o sobrinho. Preferiu se afastar do contexto familiar para não se sentir ainda mais deprimido. Quando não estava trabalhando, estava dormindo, sem vontade de fazer coisa alguma. Mesmo as locuções já não davam o prazer de antes e o desejo de tornar-se um grande comunicador parecia perdido.

— Eu não tinha em quem me apoiar. Todo mundo sofreu com a morte das duas, mas de uma forma muito individual porque a gente não tinha um senso de família. Eu fiquei desesperado. Parecia que eu nunca ia conseguir sair daquele ciclo de sofrimento.

O coordenador da rádio 93 FM, Marcos Silva, onde Pablo ainda trabalhava, aconselhou o garoto a respirar novos ares.

— “Olha, acho que você precisa se cuidar agora. Você não tá muito bem. Vai viajar. Vai para Portugal, para a Nova Zelândia, que seja”. Ele viu que eu estava debilitado, faltando a alguns horários na rádio, e que mal conseguia sair de casa.

Pablo lembrou-se que uma parente vivia em Portugal. Entrou em contato e pediu uma carta convite, um termo de responsabilidade no qual um residente do país garante que o visitante terá moradia e gastos supridos durante a estadia.

— A rádio me ofereceu a passagem com a pretensão que eu ficasse fora seis meses tendo outras oportunidades, conhecendo outras pessoas. Era uma chance de viver outras experiências para tentar ser feliz. E depois eu voltaria para trabalhar lá.

O garoto fez as malas e partiu. Era outubro de 2018.

Portas Largas

Estação Baixa-Chiado. Três lances de escada levam à rua.

Um casal anda calmamente com um sorvete em punhos. Peitos cheios. Nada mais importa porque eles têm sorvetes nas mãos. Estão seguros.

Um senhor e um rapaz conversam.

No segundo lance, uma garota desce até a ponta da escada para fotografar uma mulher sorridente de camisa amarela que posa para o telemóvel.

— Ronaldalda, ficas aqui. Quando ela chegar, tu dás o toque!

— Baaaaa!!!

— Filhas da puta!!

Três garotas portuguesas riem no final do segundo lance.

Ao fim dos degraus que dão início às ruas do Chiado, um artista se apresenta. Cheiro de tabaco no ar. Mais à frente, uma dupla canta e toca em frente à estátua António Ribeiro Chiado⁴. Tocam percussão e violão. O instrumento de cordas está conectado a uma caixa de som. Casais e amigos jantam no restaurante A Brasileira do Chiado. Ao lado, petrificado, há um Fernando Pessoa que está retratado em muitas páginas de Instagram mundo afora.

Acima das pedras desenhadas: turistas. Turistas e mais turistas transitam. Um casal se abraça ao lado da dupla de artistas. Um outro arrisca um bater de palmas tímido acompanhado de um “uhul” igualmente envergonhado. É tempo de natal. Algumas decorações começam a ganhar as ruas.

4 Poeta português que viveu entre 1520 e 1591.

— Esta é a paragem?⁵ — Acho que não.

Mais à frente: fumaça.

Uma dúzia - 2,50 € — anuncia a placa de uma barraca de castanhas assadas. As sementes ganham os supermercados e ruas das cidades portuguesas durante o outono e inverno. Ela divide a calçada com panos que se estendem sob o chão com colares e brincos e outros artesanatos vendidos por *hippies*. Também divide com lojas: uma de porcelanas, outra de pinturas, uma de antigos joalheiros da coroa.

— *'I will go to Madeira'. I get confused, like whyyyy?* — diz uma turista a um outro turista.

Em frente à Igreja do Loreto, é possível ver a Praça Luís de Camões com jovens que seguram guarda-chuvas amarelos. Os sinalizadores servem para indicar o caminho aos visitantes que fazem *pub-crawl* pela cidade, um tipo de passeio que reúne viajantes para conhecer bares em cidades europeias. No cruzamento, o

5 “Ponto de ônibus” no português brasileiro.

farol está vermelho para pedestres. Alguns arriscam atravessar o cruzamento.

— Biiii!!!!

Olhos curiosos se perguntam, sem verbalizar, se devem acompanhar o ato. A pequena revolução de caminhantes cansados que desafiam a tirania das cores verde e vermelha lhe dizendo o que podem e não fazer. Atravesso com os revoltosos.

— *Really? No way!*

A Padaria Portuguesa está decorada com luzes amarelas. “*Fresh organic eggs*”. Anuncia uma das placas. Subo o Largo do Chiado.

— Tás onde? Não, eu tou a esperar! — diz um senhor português ao telemóvel enquanto se posiciona entre a porta aberta e o carro, ao lado do passageiro.

Mais turistas. Um cachorro devorador de substâncias desconhecidas. Mais tabaco. A Manteigaria União está decorada com luzes amarelas. Apesar do nome, o local não comercializa cremes. O prédio fechado em 1975,

tornou-se em 2014 uma fábrica de pastéis de nata. Estrangeiros e portugueses acompanham o processo de feitura das sobremesas Podem comê-los no balcão, acompanhados de café, ou levar as iguarias para casa.

Subo a Rua do Loreto. Na primeira entrada à direita, está a Rua da Atalaia. Escura. O caminho de pedregulho revela bitucas de cigarro e resto de frutas entre as frestas. Sobras de noites passadas. Logo no início dela é possível ouvir sons que vêm da área central, onde há iluminação. Ao caminhar, pessoas convidam a entrar nos bares noturnos.

— *Happy Hour, guys!* — chama um menino tatuado na frente de um estabelecimento cujas portas de vidro estão presas em paredes sem tinta. Entro no bar. Está cheio.

Um rapaz de boné preto tira foto em frente a um espelho.

O ambiente é amplamente iluminado por luzes coloridas que riscam o chão. Nas paredes até a metade, há azulejos pretos e brancos for-

mando um jogo de xadrez vertical. O restante das paredes é coberto por tinta branca com prateleiras de madeira que seguram diferentes modelos antigos de rádio. Discos de vinil estão colados na estrutura, provocando sentimento nostálgico do estilo *vintage* que preenchia a Europa dos anos anteriores à 2000.

Algumas das paredes estão exibindo velhas garrafas vazias e outras estão preenchidas por licor de *ginja*, um tipo de cereja encontrada não só na Europa, mas também no sudoeste asiático.

Pablo passa um pano amarelo fino sobre o balcão de mármore enquanto com a outra mão enche um copo plástico com cerveja. A música alta que sai das caixas de som é quase ensurdecadora, embora não haja tantas pessoas ocupando o espaço do salão.

Ele acena enquanto chama o próximo cliente.

— *En la puerta dice 10 euros!*

— O *Happy Hour* são aquelas bebidas — diz apontando para uma placa de papel que descreve:

- Caipirinha
- Caipiroska
- Mojito
- Sangria

O grupo que dança no espaço é composto por pessoas jovens, provavelmente estudantes universitários. De repente, eles dão lugar a um público mais velho. Homens de barba e cabelos compridos.

O cliente de boné preto que se autofotografa se aproxima.

— Peguei no ar que você tem alguma influência com o garçom. É seu namorado?

— Não.

— Sério? Me apresenta!

Sorriso.

— Eu queria que eles colocassem uma música mais *glow*.

— Eles são bravos. Não gostam de trocar a música.

— Ai... achei que estava falando com a pessoa certa.

Sai decepcionado. Logo em seguida, volta com um amigo

— Acho que a gente deveria tirar aquelas gringas dali. Olha o que elas estão fazendo.

— Não acredito que roubaram meu espelho para fazer isso!

Um estrangeiro se aproxima e cochicha algo.

— O que ele está falando? — Pergunto.

— Sei lá. Fode minha buceta! Vou embora. Tô puta! — o homem de boné puxa o amigo pelo braço e sai.

À minha frente, olhos ansiosos encaram um copo de coca-cola. Um estalo de surpresa e grande ideia! Um rapaz de camiseta preta se mostra animado ao pedir uma cerveja para acompanhar outros dois copos de destilado

segurados pelos amigos. Em seguida, quer um copo de *gin*. Gelo, limão, água tônica.

Atrás do balcão, a baiana Rayane Motta, que divide o atendimento com Pablo, estende a mão fazendo o sinal de dois. Estende o punho duas vezes para dizer, por meio do gesto, que o cliente lhe deve 22 euros. O homem entrega uma nota de cinquenta. Ela ajuda com os afazeres do bar há pouco.

Do outro lado do balcão, três rapazes encaram um grupo de garotas. Se empurram de leve enquanto riem. As garotas batem palma. São a atração dos rapazes. Um homem de um outro grupo se aproxima. Cambaleando. Está bêbado, mas confiante. O outro amigo do grupo se aproxima. Massageia o ombro daquele que chegou primeiro. Tem óculos pendurados na cabeça. Não diz uma palavra às garotas, mas tenta se aproximar usando os atos do amigo para puxar assunto. Algumas das garotas correspondem. O homem fica mais confiante, embora o amigo seja mais popular entre elas.

Depois o amigo desiste e volta para o seu grupo. As garotas voltam a festejar sozinhas.

Os pés dançantes não se importam com o chão molhado.

Ôôôô, sometimes

I get a good feeling

Yeah

Próximo ao balcão, barulho de gelo. Um grito.

I'm a Barbie girl, in a Barbie world

Life in plastic, it's fantastic

You can brush my hair, undress me everywhere

Imagination, life is your creation

Alguns saem do bar com copos de cerveja na mão.

O mesmo grupo de garotas que outrora eram encaradas por rapazes, saíram cantando *Monster*, composição de Rihanna de 2013.

De volta à porta de entrada, é possível ver um grupo de amigos comendo na calçada em frente ao restaurante Bota Alta, estabelecimento que fica à frente do Portas Largas. São lanches cobertos por papel alumínio, comprados no estabelecimento Best Kebab & Pizza House.

Um casal que se beijava, agora discute. A mulher está de braços cruzados. Semblante impaciente. Coça o rosto enquanto o rapaz tenta se explicar sacudindo as mãos. Das pessoas que transitam entre o espaço ouve-se francês, italiano, alemão, inglês e também português brasileiro.

Das portas do bar noturno, é também possível acompanhar a movimentação dentro do bar Cheers. Pessoas pulam com canecas de cerveja enquanto cantam. Há mulheres loiras com tiaras e balões em formato de pênis. Elas acompanham uma amiga que anuncia por meio de uma faixa: em breve deixará de ser solteira.

Ao longo da rua, as pessoas estão se conhecendo.

— *You're from Italy?*

— *I'm from Ibiza!*

— *Ibiza?? Wow!!*

Essa foi a visão da noite que tive no dia 11 de novembro de 2022 ao caminhar até o local de trabalho de Pablo. Descrevi o que vi e ouvi para que o leitor possa sentir o clima vivido diariamente pelo rapaz. As ruas lisboetas que transpiram cheiro de tabaco e castanha assadas durante o inverno. Os cada vez mais numerosos grupos de estrangeiros que descobrem o antigo império perdido no tempo. Ao redor e dentro do bar, uma confusão de pessoas e situações que ocorrem simultaneamente, e em línguas diferentes, enquanto ele prepara os *drinks*.

A noite agitada por ali faz parecer que há uma vida menos interessante acontecendo na realidade que se vive ao lado de fora. Vida pacata. A óptica noturna dessa cidade cosmopolita é intensa e apressada como a função de acelerar áudios do WhatsApp; ansiosa como a velocidade dois de vídeos no YouTube.

O amplo espaço que hoje recebe pessoas dançantes, e conectadas, nem sempre foi realidade do estabelecimento. A casa acolhia desde a sua fundação, na década de 1990, bandas que tocavam ao vivo para os visitantes. Onde hoje há uma pista de dança, residia um palco há alguns anos. O fado, tipo de música tradicional portuguesa, era uma das opções que podiam ser encontradas.

“Vamos ter sempre um bocado de fado, gosto da Amália em particular, e irei fazer sempre a abertura do bar com fado, até porque o fado faz parte da nossa cultura. E como somos, este ano, Capital Europeia da Cultura, só fica bem dar fado. Vou também tentar recolher

um pouco de música portuguesa de boa qualidade, para além de outras músicas apropriadas e outros momentos do bar. Dependerá do ambiente que se gerar”.

O trecho foi retirado da matéria “Eurico Vieira - Um lutador Nato”, publicada no *Diário de Notícias* em 19 de março de 1994. O texto, exposto ainda hoje em um quadro de vidro numa das paredes do Portas Largas demonstra os objetivos de fundação do espaço do qual Pablo é colaborador.

O português Eurico tinha 35 anos quando fez a declaração. Tomou o lugar com o desejo de receber um público jovem; pessoas obstinadas a, a partir das próprias potencialidades, desenvolverem-se. Ensinar e aprender umas com as outras. A Tasca, ele afirma à matéria, dispensa receber velhos beberrões.

“Quero uma clientela diferente daquela que frequentava a tasca. Pelo menos quero evitar os crônicos do álcool, que não

têm nada mais para falar, nada mais para criar, nada mais para pensar. São pessoas que já estão mortas. Quero um espaço humano diferente: pessoas mais jovens, quero atingir uma faixa etária mais baixa, e pessoas que tenham muito de si para dar, que explorem as suas próprias potencialidades perante os outros. Não aquele velho que entra a cambalear, bebe por beber e sai a cambalear. Eu quero conversar com as pessoas, quero aprender muito com as pessoas, quero que as pessoas aprendam umas com as outras”.

Quando Pablo chegou, o dono já era outro. As ideias com relação às formas de administração também.

Antes de assumir a função de *barman*, Pablo acumulava outras tarefas. Ao chegar: limpeza. Se dirige aos fundos do bar. No pequeno e estreito espaço dos fundos, enche um balde de água e lixívia⁶. A mistura é levada até a extremidade do salão e espalhada com a ajuda de uma esfregona⁷ pelo piso.

O espelho e portas de vidro também são limpos com ajuda de desinfetantes específicos. É preciso ser prático e realizar movimentos certos para não deixar manchas nos espaços. As cadeiras e mesas de madeira pintadas de tinta preta que ocupam o salão também são limpas.

Após a limpeza, Pablo vai para a cozinha cortar os limões que servem de base para os drinks. Além deles, corta laranjas e as coloca em potes de alumínio. De formato arredondado, os pedaços decorarão alguns copos, como o

6 “Cloro” no português brasileiro.

7 “Esfregão” no português brasileiro.

chamado “Portas Largas”, drink que leva groselha, suco de laranja e absinto em sua preparação. Uma fatia é colocada na borda do copo plástico para o toque de glamour que acompanha a bebida.

Em garrafas de vidro vazias, ele mistura diferentes tipos de sumo⁸ com *vodka* para os *shots* que serão vendidos por apenas € 1,00. *Vodka* é colocada até a metade da garrafa e o restante é completado com refresco: laranja, limão e maçã são alguns dos sabores.

Hortelãs chegam da pequena mercearia comandada pelo paquistanês “Babu”, maneira pela qual é chamado pelos trabalhadores do bar. O substantivo indiano para se referir a um senhor respeitado, neste caso é usado porque, na verdade, ninguém sabe o verdadeiro nome do comerciante. Há suspeitas de que ele superfatura os itens vendidos, e por isso, é frequentemente acusado de ser ladrão.

8 “Suco” no português brasileiro.

As plantas são cortadas. Parte delas é colocada em cumbucas de alumínio. O restante vai para um recipiente plástico, onde ficam armazenadas no *freezer* até que sejam necessárias.

Trabalho terminado, o garoto se dirige à frente do estabelecimento para atrair clientes. Os mais variados tipos de pessoas transitam à frente do estabelecimento.

— *Crazy Happy Hour, guys!*

Anuncia atraindo a clientela.

— *Two shots and two cocktails: ten euros!*

O verão é o período de maior movimento, quando turistas de diferentes partes do mundo vão até Lisboa. Garotas loiras pedem *shots* gratuitos. A regalia pode ser concedida desde que elas sejam consideradas bonitas o suficiente para que outros clientes tenham interesse em entrar no ambiente.

Pablo não está só. É acompanhado por outros brasileiros que dividem as tarefas com ele. O objetivo é fazer com que o maior número de pessoas possível entre, deixando pouco

espaço para os concorrentes, como o Arroz Doce e o Pink.

Daquelas portas, ele vê e ouve de tudo um pouco. Um grupo de espanhóis brincam de tourada enquanto bebem. O noivo é o touro. Veste um traje preto felpudo com chifres em formato de pênis. Os amigos são os toureiros. Vestem branco e usam lenços vermelhos para atizar o “animal”.

Pablo continua chamando clientes. As pessoas continuam passando por ele, a maioria ignorando os chamados. A maioria são estrangeiros.

De repente, uma mulher brasileira com frutas de plástico na cabeça. É uma cópia de Cármen Miranda. Ela anda pelos bares da rua chamando a atenção dos turistas com seus objetos em formato de pênis: chapéu de pênis; pênis de plástico; tiaras de pênis. Uma bolsa ou depósito da pênislândia? Pablo indaga.

Alguns turistas pedem informações, mas Pablo tem pouco domínio da língua inglesa.

Ajuda como pode. Pede para um colega ajudá-lo. Usa a ferramenta de tradução do telemóvel, mas não se empenha tanto. O objetivo maior é atrair aquelas pessoas para dentro da casa.

Ao findar a madrugada, é hora de refazer a limpeza. Pablo passa a esfregona pelos pisos do salão novamente. O chão, pisoteado com álcool, ervas e outras substâncias, está encardido e grudento. A esfregona embebida por lixívia o faz mudar de aparência. Dois, às vezes três baldes de água fétida são substituídos por nova mistura de água com cloro.

Por vezes, Pablo também faz a limpeza da casa de banho⁹. Depende do dia. Ou da noite. Um balde para o piso; um recipiente menor com a mesma mistura para a pia e sanitas¹⁰.

Fim da noite. Vai até o metrô¹¹ aguardar a abertura do transporte que inicia os trabalhos

9 “Banheiro” no português brasileiro.

10 “Vasos sanitários” no português brasileiro.

11 “Metrô” no português brasileiro.

às 6h30 do fuso horário local. O dia recomeçaria às 18 horas, quando ele precisa estar pontualmente no bar.

Conforme os meses passaram, Pablo criou uma relação de amizade com Sandro Rômulo Santos, proprietário do Portas Largas, homem que o convidou a cortar limões pouco depois de sua chegada em Lisboa. Por vezes o patrão o chamava para tomar *shots* depois do expediente, às vezes durante. Também jantavam juntos. Uma amizade crescia.

Com a aproximação: mudanças, a começar pela aparência física de Pablo. Muito esguio na opinião de Sandro, o garoto deveria se esforçar para fazer crescer e enrijecer os músculos.

— “Você é muito magro. Você tem que ficar assim... Você tem que arrasar! Você tem

que estar em cima”. Então eu falei: “cara, é isso aí que eu quero para mim” —, relata sobre os conselhos do patrão que se tornava cada vez mais próximo.

Os mandos eram acatados e o rapaz se tornava mais vaidoso. Passou a malhar todos os dias, enquanto fazia uso de esteroides anabolizantes para acelerar o processo de crescimento muscular. Seu objetivo era atingir um corpo perfeito.

— Eu tive problemas relacionados a isso, mas era meu objetivo. Isto é muito normal. Infelizmente no mundo *gay* existe essa discussão. A galera quer sempre ser o melhor, estar com o melhor corpo, sabe? O melhor carro. Enfim. Tudo isso. Mas são vaidades. Eu cheguei a me envolver com isso e fiquei com o corpo bem bonito.

A aparência física rendia sucesso. O mundo das festas noturnas, para além da profissão, tornou-se rotina de Pablo. Passou a receber muitos convites. Diz ter conhecido pessoas

legais, ao mesmo passo em que outros não o levaram a lugar algum. Não era raro ir ao trabalho sem dormir, por vezes ainda bêbado.

A rotina, que acontecia mais durante à noite que durante o dia, seguiu até março de 2020, quando foi decretada a pandemia de COVID-19 pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Com o fechamento obrigatório dos estabelecimentos, Pablo ficou sem emprego. Foi quando ele e Sandro decidiram vender marmitas para trabalhadores de obras que continuavam ativas durante o período. Além de comida caseira, a venda incluía um pouco de vinho, pão e café. Os trabalhadores pagavam € 7,50 pela refeição.

Muito próximo de Sandro e a convite dele, foi morar em um apartamento do patrão. O imóvel, localizado na mesma rua onde o bar se encontra, tornou-se lar, deixando-o mais próximo de festas. E de drogas.

— É delicado eu falar sobre isso com você porque eu ainda não tenho uma concepção certa para te dizer o que eu penso. Eu já tinha

uma ideia muito ruim formada sobre isso, mas naquelas brincadeiras botavam na minha boca e eu: “pô, já estou aqui, já botaram na minha boca... Aconteceu”.

— Era o que?

— LSD. Era a coisa mais maravilhosa da minha vida! Imagina?! Que coisa boa! Eu me sentia assim: eu estava derretendo. Nunca mais tive uma coisa tão boa. O problema é que eu gostei. Toda vez que alguém me oferecia eu usava e era sempre bom, era sempre bom, era sempre bom! Então a partir daquele momento todas às vezes em que eu estava numa festa e não tinha, a festa ficava sem graça, e eu já não tinha vontade. Começou a ser importante para mim ter uma balinha. E como eu já chamava atenção, todo mundo queria me oferecer alguma coisa para eu estar nas festas.

Em uma das noites nas quais os entorpecentes lhes tomaram os sentidos, teve o pênis

colocado no corpo de um rapaz que não conhecia sem seu consentimento. Foi um abuso. Só deixou de usar as substâncias depois de “muito exagero”, como classificou.

— Eu acho que eu já usei uns vinte tipos de drogas e eu posso arriscar dizer que em uma festa, numa balada, cheguei a usar oito qualidades de drogas diferentes. Eu estava passando por uma situação supercomplicada aqui na minha cabeça cheia de bagunça por causa da pandemia e tudo fechado.

Pablo estava com 23 anos de idade. Queria aproveitar o que a vida tinha a oferecer, não importava exatamente o que fosse. Mesmo com o risco de contaminação pelo vírus, ele saía atravessando as madrugadas portuguesas. Sandro, como o pai que Pablo gostaria de ter tido, dava conselhos ao garoto, tentando impedi-lo.

— É muito difícil você conseguir manter a cabeça no lugar, e ele está acostumado com a vida desregrada a muito tempo. Ele vive como empresário desde os 23 anos, então ele estag-

nou nisso. Foi difícil ficar com o estabelecimento fechado. Essa crise da pandemia deu um murro na cabeça de todo mundo e ele ficou muito bagunçado das ideias —, diz Pablo sobre o amigo e patrão.

— Tivemos muitas discussões. Eu tentando defender a tese de que eu tinha o direito de conhecer as pessoas e ele sempre naquela do “vai com calma, vai com calma!”. Eu não entendia e a gente sempre ficava naquele embate porque ele virou um paizão, do tipo: “não faz isso. Não vai ser bom para você”.

Contrariando o que dizia o amigo, Pablo não só ia para festas, como também as promovia. Durante o aniversário de um amigo, por exemplo, decidiu que poderia ser legal receber algumas pessoas em casa. A ideia era que cerca de sete pessoas fossem. Quando se deu conta, havia cerca de setenta pessoas no espaço. A espécie de micareta durou dois dias.

— Tinha segurança, *DJ*. Do nada! Todo mundo muito louco. Começamos a cobrar a

entrada. Coisa de louco mesmo! Era um prédio residencial. Tinha vizinhos e o Sandro estava lá embaixo. Chamaram a polícia. Todo mundo fez silêncio, baixou o som... Foi uma vez para nunca mais. O pessoal quebrou a casa toda. Sujeira nas paredes... Quebraram tudo! Foi um “Projeto X”! Foi a última festa que eu fiz. Depois daquele dia, eu fiquei traumatizado.

O encontro chegou ao fim quando Sandro apareceu “arrebentando a porta”, descreveu Pablo, expulsando todos do local.

— Todo mundo para a rua! JÁ! — esbravejou na ocasião.

O garoto atribui o período à imaturidade e ao desejo de se sentir em casa. Formar laços. — É uma coisa que já não faz parte da minha realidade e eu me envergonho porque foi um período bem rebelde e eu não precisava, mas sabe aquele lance do querer fazer parte? Eu queria fazer parte do grupo. Não queria ser o chatão. Não é me fazendo de vítima. Eu fiz porque eu quis e tinha que ser como deve ser.

Como foi. Mas eu só fui notar que era um problema, que era ruim, depois. Enquanto eu estava lá era normal.

— Dependentes químicos...

Diz Ricardo Ferreira, gerente do Portas Largas, balançando a cabeça em negativa sempre que Pablo fala sobre drogas ou as consome. Ricardo passou a ajudar na administração do estabelecimento em 2019, quando retornou de um período de quatorze anos morando em Angola. É amigo de longa data de Sandro. O conheceu quando Sandro namorava Eurico, antigo dono do bar.

Pablo e Ricardo têm um convívio turbulento, já que as relações pessoais e de trabalho se misturam. Da mesma maneira é a relação que Pablo mantém com Sandro.

— Fizeram-me a vida negra quando entrei aqui — relatou o português sobre seu início na gerência. Ele se referia ao comportamento de Pablo e Cortês, segurança que por anos controlou a entrada de clientes, protagonizando pancadarias. Segundo Ricardo, nem Pablo e nem o vigilante queriam sua presença porque não ele não tolerava “coisas erradas” e nem a entrada de “pessoas indesejadas”, a quem ele denomina “chungas”¹². O problema é que boa parte dessas pessoas são estrangeiras e negras.

— Portas Largas: sua dose diária de racismo e xenofobia! — ironiza Pablo sobre declarações problemáticas que Ricardo costuma fazer sobre estrangeiros vivendo em Portugal, frases como “nunca estiveram tão atrevidos”. Alfinetadas culturais entre os dois também são constantes.

— Ai, amor! — Ricardo repete imitando o sotaque brasileiro. Pablo revira os olhos.

12 Algo de mal aspecto; sem valor ou qualidade.

Costumam discutir sobre as folgas de Pablo, já que ele não trabalha aos domingos. Ricardo pede para que ele abra exceções de vez em quando, mas recebe negativa como resposta na maior parte das vezes.

Os dois seguram as pontas quando Sandro está viajando. Quando escrevo “seguram” quero dizer que resolvem todo o tipo de problema possível. Não só mantém o estabelecimento funcionando, como cuidam das burocracias, contratam colaboradores* e impedem que a Justiça feche as portas por atrasos no pagamento de impostos.

Aconteceu em 2 de junho de 2022, por exemplo. Os preparativos para a abertura de mais uma noite de caipirinhas e música pop estavam quase finalizados, quando homens de roupas sociais chegaram ao local e pediram para falar com o gerente. Documentos mencionavam o “Bar dos Orixás”, administrado por Sandro antes da aquisição do Portas Largas. Depois da compra, o espaço foi anexado.

Ricardo passou cerca de duas horas convencendo os fiscais de que o estabelecimento era outro, que as contas seriam revistas e resolvidas. Usou a matéria jornalística sobre a trajetória de Eurico para demonstrar que o Portas Largas era um bar histórico e de prestígio.

Falou com orgulho da administração feita pelo amigo até o dia do seu falecimento, momento em que Sandro adquiriu o bar. Conseguiu convencer os fiscais e as portas puderam continuar abertas.

Pablo e Ricardo dividem o balcão preparando *drinks* noites afora. Pablo já não exerce a função de “relações públicas”, como nomeia o cargo daqueles que convidam a clientela a conhecer o espaço. A função é de Matheus, um brasileiro curitibano que vive em Portugal desde o início de 2022. Como *barman*, Pablo ocupa a ponta esquerda do balcão, enchendo copos plásticos, servindo doses, preparando caipirinhas e *mojitos*.

Em noites mais animadas, ele costumava subir no balcão e dançar livremente, rebolan-

do ao som de funk brasileiro. É comum o estilo tocar no bar, até o movimento ficar baixo e então é preciso tocar pop para atrair estrangeiros, geralmente mais generosos com gorjetas. É com eles, inclusive, que o show de Pablo faz mais sucesso. Em uma das ocasiões em que eu estava no bar, por exemplo, uma animada inglesa procurava por Pablo, mostrando-me na tela de seu celular um vídeo no qual o garoto se remexia sem camisa em cima do balcão. Tinha sido gravado em 2019.

Enquanto pude acompanhar Pablo, só o vi subir para dançar uma única vez. Era mais comum vê-lo dançando na pista, em frente ao espelho, quando os clientes ainda não haviam lotado o espaço, ou ficando estressado com a quantidade de *drinks* que precisava preparar, junto a loucura da música alta e luzes coloridas. Nesses momentos, não era raro vê-lo xingando algum cliente.

— Cachorra, vagabunda! — Respondeu logo após agradecer “*thank you*” ao pagamento

de €50 dados por uma estrangeira numa noite quente do verão de 2022. Depois de proferir a ofensa, foi para os fundos do bar fumar maco-nha, onde estão os produtos de limpeza e um altar que Sandro dedica a Exú. Pablo mantém o hábito de fazer uma pausa para fumar sempre que se percebe muito estressado. Relata ter começado o consumo para se manter mais calmo e menos ansioso desde que a vida de funcionário no bar deixou de ser pura festa.

Nem todas as noites fuma enquanto trabalha. Na maior parte dos dias deixa o fumo para o fim do expediente, quando os clientes mais resistentes são expulsos e o bar pode finalmente ser limpo e fechado.

— Chegar em casa, tomar um banho, dar uns beijos e ir dormir! — Estava feliz ao terminar o trabalho naquele sábado, 7 de outubro de 2022. Com “dar uns beijos” referia-se ao aguardado encontro com o namorado Warley, que conheceu no Portas Largas há cerca de dois anos e vê todo fim de semana. Foi em Portugal

que Pablo permitiu-se viver a homossexualidade sem culpas.

— Só tive maturidade e tempo para pensar nisso quando eu cheguei aqui, quando não tinha mais amarra nenhuma, doutrina nenhuma e ninguém ditava o que eu ia fazer. Eu falei: “ara, eu quero ser feliz!”

No território luso ele se sente livre dos desejos. Não precisa mais rir das suas dores com piadas e nem impostar a voz para parecer imponente. Só ser ele mesmo.

— No Brasil, tudo que eu fiz para o meu sucesso foi porque eu queria ser melhor do que eu era. Tudo o que eu era no passado, para mim, era muito ruim. Tudo o que tinha acontecido... Então eu só não queria ser mais um. Aqui eu senti que não precisava ser ninguém. Tudo aquilo que eu tinha de meta, me afogava... Os meus desejos sempre me afogavam. Eu sempre coloquei para mim que eu tinha que ser alguém muito bom. Eu tinha que ser duas vezes melhor porque eu sou preto e favela-

do. Então eu tinha que ser. Por que? Porque é muito mais difícil para gente, cara! Eu tinha que ser duas vezes melhor para ser observado, para ser visto, para alguém me dar uma oportunidade. Mas aqui não. Aqui eu posso ser quem eu quiser!

Mais uma noite de casa cheia. *Two drinks and two cocktails!* Como atrair estrangeiros endinheirados para o balcão? Pablo toma posição na caixa de som:

What is love?

Baby don't hurt me

Don't hurt me

No more



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal



Fotos do arquivo pessoal

Agradecimentos

Minha formação em jornalismo se concretiza neste livro e eu não poderia estar mais feliz! Meus mais sinceros agradecimentos à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), que me ofereceu experiências fundamentais para chegar até aqui, como o intercâmbio acadêmico na Universidade Católica Portuguesa, razão pela qual viajei até Lisboa em 2022 e pude conhecer o personagem que ilustra este perfil. Aos professores, com seus diferentes pontos de vista sobre o jornalismo e suas possibilidades; aos amigos que fiz na ECA e em outras escolas da Universidade, além dos que se mantiveram presentes na

minha trajetória desde o ensino médio cursado na Escola Técnica Estadual de Itaquera.

Agradeço às pessoas que me concederam as entrevistas que tornaram possível contar a história de Pablo, ainda que nem todas tenham sido mencionadas aqui, e ao Pablo Dias Rocha pela confiança e abertura ao relatar sua trajetória.

Obrigada mãe, Vera Maria de Santana, por ser meu exemplo de força e independência. Lembro-me de vê-la lendo durante minha infância. Em casa, deitada na cama, ou no transporte público quando íamos para algum passeio. Sem dúvida nasceu nesses momentos o desejo por ser capaz de escrever para um dia ser lida.

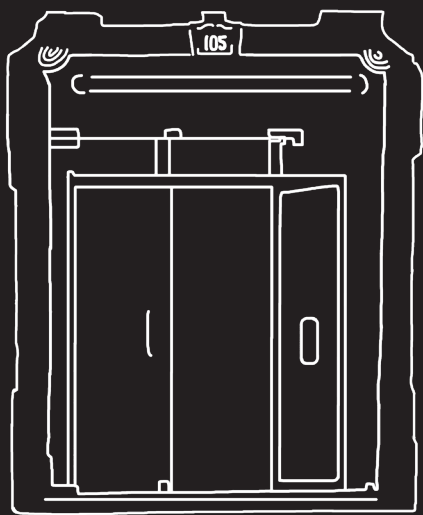
Obrigada minha irmã mais velha, Ingrid Santana da Silva, que investiu diversas noites em leituras para mim, além de ser minha primeira professora nos momentos em que brincávamos de “escolinha”.

Obrigada pai, José Carlos da Silva, que falou tão insistentemente sobre a importância

de fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). A prova acabou se tornando minha porta de entrada na USP. E por ouvir rádios de notícias e assistir a canais de televisão educativos. Hoje sei a influência que essa programação exerceu na minha escolha pelo jornalismo.

Aos meus avós, Antônia Maria de Santana e Victor Batista de Santana, meus segundos pais, fundamentais na minha criação. Foi meu avô o responsável por assinar os documentos necessários para minha ida a Portugal, e ele o fez poucos meses antes de falecer. Obrigada por ter me ajudado até o fim.

E a você que leu este livro, também sou muito grata. Fique à vontade para me mandar sugestões, críticas e elogios em crisley.ss@hotmail.com



Portas Largas

“Quando a gente é pobre, preto no Brasil, favelado, desde sempre escuta muitas coisas que depreciam, que limitam e eu queria sair daquela bolha.”

Liberto do Desejo é um perfil por trás da imigração, que conta a história de Pablo, um brasileiro que nasceu na Vila São Tomás, favela de Belo Horizonte, e se tornou barman de um conhecido bar na Rua da Atalaia, centro da vida noturna de Lisboa, o Portas Largas. A chegada de Pablo ao estabelecimento passa por diversas reviravoltas: da infância miserável, aos shows de stand-up e quadros de humor em rádios de diferentes cidades. Até que acontecimentos trágicos tiram o garoto do país, fazendo-o recomeçar em terras lusas.

ISBN 85-212-0380-2



9 788521 203803